Dia 9 — São Romano, Soldado e Mártir

No mesmo dia em que a Igreja celebra a vigília de São Lourenço, faz comemoração de São Romano, a quem converteu o ilustre diácono em meio a seus tormentos e que recebeu a coroa do martírio antes que o próprio São Lourenço fosse coroado.

Era Romano soldado da guarda do imperador Valeriano e, como tal, obrigado a achar-se presente aos interrogatórios e suplícios dos cristãos. Preso São Lourenço por ordem do imperador, encarregou-se sua custódia a Hipólito e a Romano; este, que era homem muito capaz, viu-se na precisão, por seu cargo, de ser testemunha de tudo o que se passou no martírio do santo diácono. Examinado Lourenço por Cornélio, prefeito de Roma, acerca de sua religião e dos tesouros da Igreja que tinha a seu cargo, deu razão de sua fé e de sua administração com tanta discrição e com tanta eloquência que todos os circunstantes ficaram admirados. Estava Romano ao lado de nosso santo e, compreendendo melhor que outros a verdade e a força de suas razões, tudo observava e fazia ao mesmo tempo aquelas reflexões que naturalmente nasciam das respostas e dos discursos do valoroso levita. Entretanto, querendo o céu converter aquele soldado gentio num generoso campeão da fé de Jesus Cristo, ia a graça movendo seu coração e iluminando seu entendimento, até que por fim concluiu que uma prudência tão superior como a que resplandecia em todas as suas palavras, e uma constância tão heroica como a que manifestava em meio aos mais horríveis tormentos, estavam acima de todas as forças naturais; e que, sem uma virtude divina a que toda a natureza não podia alcançar, não era possível falar e padecer com aquela grandeza de alma que enchia de admiração até os idólatras mais obstinados.

Enquanto Romano fazia tão prudentes como sólidas reflexões e discorria com tanto acerto sobre os objetos que se lhe apresentavam, quis o Senhor descobrir-lhe sensivelmente, por meio de uma singular maravilha, o particular cuidado que tinha dos que padeciam pela glória de seu nome e a bondade com que lhes adoçava as mais cruéis dores em meio aos mais horríveis tormentos.

Acabavam de estender São Lourenço no potro, que era uma espécie de banco ou de tábuas colocadas sobre quatro pés de madeira, onde se amarravam as cordas que tinham suspensos no ar os delinquentes. Naquela postura, despedaçavam o santo os algozes com cruéis açoites, valendo-se de umas como correias ou ramais de ferro, tão desapiedadamente que os circunstantes se enchiam de horror, sem que os olhos de Lourenço destilassem uma só lágrima, nem de seu peito saísse um leve suspiro. Horrorizava-se Romano daquela desumanidade; mas muito mais o assombrava a serenidade e a constância do paciente, não podendo compreender como um homem de carne e osso podia tolerar aquele espantoso suplício, não só sem exalar uma queixa, mas com visível alegria, quando de repente viu um anjo, em figura de um formosíssimo jovem, que com um lenço na mão enxugava o suor do santo mártir e o sangue que corria de suas feridas.

Crescendo sua admiração à vista de tão maravilhoso espetáculo, mal podia dar crédito a seus olhos; e, desconfiado do que via, perguntava aos que estavam perto dele se não notavam um jovem desconhecido que limpava o suor e o sangue daquele cristão; mas, desenganado de que ninguém o via senão ele, ficou mais assombrado; e, concorrendo com o assombro a graça do Senhor, que a cada instante era mais eficaz e mais sensível, deposta já toda dúvida sobre o partido que devia tomar, resolveu fazer-se cristão. Aproximou-se do santo, declarou-lhe o que via e o que havia resolvido e, com lágrimas nos olhos, suplicou-lhe que não o abandonasse. Encheu Lourenço de indizível gozo aquela vitória de Jesus Cristo e aquela insigne maravilha da graça; deu-lhe mil parabéns, exortou-o e alentou-o com breves palavras; mas toda a dificuldade era batizar o fervoroso neófito, porque nem havia água, nem, ainda que a houvesse, parecia possível administrar-lhe este sacramento em presença de tantos gentios furiosamente acesos contra os cristãos, além de que o santo mártir estava estendido no potro, fortemente ligado de pés e mãos, sem aparência de que o desatassem até que tivesse expirado naquele suplício. Inquietava muito a nosso santo esta dificuldade, nestas circunstâncias. Por uma parte, era grande o desejo de ver-se regenerado na água do batismo; por outra, o temor de que Lourenço exalasse no potro o último alento; a incerteza de achar outro a quem pudesse recorrer com igual confiança; e, sobretudo, a ânsia de ver-se quanto antes contado no número dos fiéis o tinham impaciente e sobressaltado. Observavam que de quando em quando levantava os olhos ao céu, aproximava-se do santo mártir, falava-lhe ao ouvido e andava inquieto como um homem que medita um grande desígnio, quando a divina Providência, que vela amorosamente sobre seus escolhidos, aplainou a dificuldade e o livrou felizmente daquele desassossego.

Noticioso o imperador da constância de São Lourenço e da tranquilidade, e até alegria, com que perseverava nos suplícios, não quis que zombasse dele. Mandou, pois, que o desatassem e o levassem de volta ao cárcere, reservando-o para mais horríveis tormentos. Não se pode explicar o gozo de Romano ao ouvir esta ordem. Afetando ser o ministro mais zeloso em obedecer ao imperador, retirou todos os demais, querendo encarregar-se ele só da execução e oferecendo-se a levar o santo mártir ao calabouço. Abrasado então em fervorosas ânsias de fazer-se cristão, lançou mão de uma ampola cheia de água e, encerrando-se com o santo, suplicou-lhe que não lhe dilatasse um ponto sua dita, diferindo-lhe o batismo. Perguntou-lhe São Lourenço se tinha bem considerado o perigo a que se expunha e se se sentia com valor para confessar a Jesus Cristo em meio aos maiores tormentos; ao que respondeu com tanta resolução e com tão generoso esforço que o santo reconheceu no novo soldado de Cristo os milagrosos efeitos da graça. Achando-o, pois, suficientemente instruído e muito melhor disposto, batizou-o; e, abraçando-o ternamente, exortou-o a que se dispusesse para receber a coroa do martírio.

Verificou-se muito depressa a profecia, porque o novo cristão não pôde dissimular seu gozo nem esconder o benefício que acabava de receber da mão de Deus. Facilmente conheceram todos a conversão de Romano; pois suas palavras, seus modos e todas as suas ações publicavam a religião que professava. Informado o imperador desta novidade, rebentava de cólera e não se pôde conter sem mostrar em público seu rancor e sua raiva, ao ver que os mais horrorosos tormentos não só não bastavam para alterar a constância dos cristãos, mas serviam também para que os próprios gentios abraçassem a fé de Jesus Cristo. Com tudo isso, quis instruir-se por si mesmo da verdade e ordenou que Romano fosse trazido à sua presença, com resolução de fazer nele um espantoso exemplo. Mal entrou na sala nosso santo, sem esperar que lhe perguntassem palavra, começou a

gritar com todas as suas forças: «Sou cristão, sou cristão, e tenho a grande glória de sê-lo.»

Entrou em furor Valeriano ao ouvir aquela confissão tão valorosa como voluntária e mandou que, depois de o despedaçarem a açoites, lhe cortassem a cabeça. Logo se executou a sentença: foi Romano ignominiosamente degradado das honras de soldado romano e despedaçaram-no a açoites como a um vil escravo. Transbordava de gozo e de contentamento em meio àquela espessa chuva de desapiedados golpes e não cessava de clamar: «Sou cristão, sou cristão; e é grande dita minha dar o sangue pela glória de meu divino Salvador, que antes deu sua vida por minha salvação.» Depois de lhe terem despedaçado o corpo até descobrir-lhe os ossos, cortaram-lhe a cabeça no dia 9 de agosto do ano 258, em que o generoso soldado de Jesus Cristo teve a dita de merecer a coroa do martírio. Seu corpo, que secretamente furtou um santo presbítero chamado Justino, foi enterrado numa gruta do campo Verano; e em muitas cidades da Itália e da França é singularmente venerado este grande santo. Reconhece-o por seu patrono, e conserva um de seus ossos, a cidade de La Ferté-Gaucher, em Brie; e a de Lucca se gloria de possuir o restante de suas relíquias.

Missa (oração)

A missa é da vigília de São Lourenço, fazendo-se comemoração de São Romano, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut, intercedente beato Romano martyre tuo, et a cunctis adversitatibus liberemur in corpore, et a pravis cogitationibus mundemur in mente. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, por intercessão de vosso bem-aventurado mártir São Romano, sejamos livres de todas as adversidades do corpo e igualmente purificados dos maus pensamentos da alma. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 10,10-14

> **Latim:** [10] Hæc profugum iræ fratris justum deduxit per vias rectas, et ostendit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum ; honestavit illum in laboribus,

> et complevit labores illius. [11] In fraude circumvenientium illum affuit illi, et honestum fecit illum. [12] Custodivit illum ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum : et certamen forte dedit illi ut vinceret, et sciret quoniam omnium potentior est sapientia. [13] Hæc venditum justum non dereliquit, sed a peccatoribus liberavit eum ; descenditque cum illo in foveam, [14] et in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum regni, et potentiam adversus eos qui eum deprimebant : et mendaces ostendit qui maculaverunt illum, et dedit illi claritatem æternam.

Português: [10] Esta é a que guiou por caminhos direitos ao justo, quando fugia da ira de seu irmão e lhe mostrou o reino de Deus, e lhe deu a ciência dos Santos: A que o enriqueceu nos trabalhos, e recompensou as suas fadigas. [11] No dolo dos que o violentavam, lhe assistiu, e o fêz rico. [12] Guardou-o dos inimigos, e o assegurou dos enganadores, e o meteu num duro combate, para que vencesse, e soubesse que de tôdas as coisas a mais poderosa é a sabedoria. [13] Esta não desamparou ao justo vendido, mas sim o livrou dos pecadores: E desceu com êle ao fôsso, [14] e o não largou nas cadeias, até lhe depositar nas mãos o ceptro do reino, e o poder contra aquêles que o deprimiam: E convenceu de mentirosos aos que o deslustraram, e lhe deu uma nomeada eterna.

Nota

«O fim principal do autor deste livro, que se intitula a Sabedoria, é instruir os reis, os grandes e os juízes da terra, aos quais particularmente dirige seu discurso. Na epístola de hoje fala de Jacó que, para evitar a cólera de seu irmão Esaú, se retirou só e sem guia para a Mesopotâmia; mas o próprio Deus foi seu guia, como o é de quantos fielmente o servem.»

Reflexões

Concedeu-lhe a ciência dos santos. A ciência dos santos é a ciência da salvação: carecer desta ciência é o mesmo que andar descarriado, desencaminhar-se e perder-se. Possua alguém com a maior perfeição as notícias mais sublimes; goze de um engenho superior e milagroso; seja dono de todas as ciências; nada lhe escape, nada se oculte à sua elevada compreensão; de que servirão por toda a eternidade, aos engenhos do tempo, todas essas luzes e todos esses descobrimentos, se ignoraram a ciência da salvação? O mais ínfimo dos anjos que se rebelaram sabia mais que todos os sábios e que todos os doutores juntos. Mas é por isso melhor sua desgraçada condição? São por isso menos desprezíveis e menos infelizes? Tinham todas as luzes; penetravam da natureza todos os segredos; nada se escondia à sua compreensão; mas ignoraram a ciência da salvação; e só esta ignorância os fará por toda a eternidade triste objeto da ira de Deus e, por isso mesmo, as mais desditosas de todas as criaturas. Haverá algum ignorante, algum idiota, o de

entendimento mais grosseiro, mais rústico e mais crasso que, se se salvou, queira trocar sua sorte pela deles? E, valha a verdade, que conceito fazemos hoje daqueles grandes engenhos que foram a admiração de seu século, e o são também do nosso? Tem-se-lhes muita inveja, se se condenaram? Coisa estranha! Toda a vida se passa em fazer-se um homem sábio e, no fim, toda a nossa ciência é bem pouca coisa. Tendo consumido o engenho, os espíritos e a saúde para ir um pouco além do comum dos homens, tudo o que se sabe é opinião, misturada com muita obscuridade e com não pouca ignorância. Sabe-se ainda com exatidão e certeza como se forma uma flor ou uma folha, ou que coisa é o fogo e a água, depois de ter estudado tanto? Um grande fundo de sabedoria e de doutrina não poucas vezes carrega mais o entendimento que o ilumina. O que se aprende nos livros antigos e modernos é, a rigor, mais ciência de memória do que de entendimento ou de raciocínio; e até se pode dizer que parte da verdadeira sabedoria é ignorar o que é inútil saber. Falando com propriedade, somente a ciência dos santos é digna de um homem sábio. Quem sabe ser santo sabe mais que todos os grandes engenhos que se perderam. A ninguém falta habilidade para ser eminente nesta ciência; a mais simples criada, o escravo mais vil, o homem mais incapaz podem distinguir-se nesta importante faculdade. Meu Deus, quanto confunde esta verdade a todos aqueles mundanos que fazem tanta vaidade de brilhar e sobressair nas rodinhas! Ignoremos, se for preciso, todo o resto, contanto que saibamos a ciência da salvação.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,26-32

> **Latim:** 26 Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur : et occultum, quod non scietur. 27 Quod dico vobis in tenebris, dicite in lumine : et quod in aure auditis, prædicate super tecta. 28 Et nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere : sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam. 29 Nonne duo passeres asse veneunt ? et unus ex illis non cadet super terram sine Patre vestro. 30 Vestri autem capilli capitis omnes numerati sunt. 31 Nolite ergo timere : multis passeribus meliores estis vos. 32 Omnis ergo qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est.

Português: 26 Pois não os temais: Porque nada ha encoberto, que se não venha a descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. 27 O que eu vos digo ás escuras, dizei-o ás claras: e o que se vos diz ao ouvido, publicai-o dos telhados. 28 E não temais aos que matão o corpó, e não podem matar a alma: temei antes porém ao que póde lan- çar no inferno tanto a alma como o corpo. 29 Por ventura não se vendem doux passarinhos por hum’asse: e hum d’elles não calhirá sobre a terra

sem vosso pai. [30] E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados. [31] Não temais pois : que mais valeis vós que muitos pássaros. [32] Todo aquelle pois, que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos ceos:

Meditação

Do inferno

Primeiro ponto

Considera o que já se considerou outras vezes (e se deveria estar considerando todos os dias da vida): que há inferno, isto é, um lugar em que todo o poder de Deus reúne os tormentos para castigar, para fazer padecer aos que morrem em sua desgraça e para fazê-los padecer eternamente.

A justiça de todo um Deus irritado acende um fogo de um ardor, de uma vivacidade incompreensível, que não só abrasa os corpos mas, digamo-lo assim, derrete os espíritos. Um condenado está afundado, sepultado, submerso, imóvel naquele fogo; e, penetrado daquele fogo, não respira nem pode respirar mais que o fogo que o abrasa. A cada instante experimenta nova dor, novo tormento; e, por um prodígio espantoso de rigor, que é efeito de todo o poder divino, um condenado sofre todos os tormentos juntos em cada um dos instantes.

Mas, por espantosas, por incompreensíveis que sejam todas estas penas, pode-se dizer que são muito pouca coisa em comparação daqueles cruéis remorsos, daquele eterno desespero que causa a um condenado a memória do tempo passado: do mal que se aproveitou deste tempo e de tantas graças, tantos auxílios, como nele recebeu.

A falsa brilhantez das honras, de que se deixou deslumbrar; a vacuidade, o vazio dos bens temporais, que lhe ocuparam a alma; a enganosa aparência dos deleites que tanto o encantaram; a vaidade dos objetos que o afastaram de Deus; a insubstancialidade dos respeitos humanos a que se deixou arrastar; e o nada de todas as grandezas humanas são outras tantas fúrias que martirizam, que despedaçam o coração de um infeliz condenado.

«Que, por gozar um momento daqueles amaríssimos deleites, por satisfazer meu orgulho, por contentar minha vaidade, por dar gosto à minha paixão, eu me tenha precipitado nestes fornos eternos! Fantasmas de grandeza, fortuna quimérica, vaníssimas ideias de felicidade, mil vezes vos detestei e nunca deixei de seguir-vos; apascentei-me de vossas loucas esperanças, e vedes-me aqui, condenado para sempre. Pude salvar-me; e quanto me solicitou Deus para isso! Nunca me faltou a graça, mas não quis corresponder a ela. Pensei muitas vezes no inferno, cria tudo o que agora vejo, tudo o que agora experimento; estremecia de indignação e de horror quando considerava os muitos que se condenavam; e, contudo, sou um destes condenados.»

A estes mortais remorsos, a estas penas inimagináveis acrescente-se o conhecimento de um Deus soberanamente irritado, de um Salvador convertido em inimigo irreconciliável, de um Deus perdido sem remédio, e perdido por um pecado. Seria preciso poder compreender o que é Deus para poder conceber o que é perdê-lo, e perdê-lo sem esperança de tornar a achá-lo. Esta só perda é maior suplício que todos os tormentos. Considera, se é possível, que dor é ter perdido a Deus, e tê-lo perdido para sempre.

Ah, Senhor! Perca eu tudo desde este mesmo instante: bens, dignidades, saúde, honra e a própria vida, antes que perder-vos a vós. Mil vezes mereci o inferno; mas valha-me vossa misericórdia infinita: nela ponho toda a minha esperança. Não permitais que me condene, dulcíssimo Jesus meu.

Segundo ponto

Considera que as penas do inferno não somente são universais, excessivas, incompreensíveis, mas também eternas; isto é, por mais espantosas, por mais intoleráveis que sejam as penas que ali se padecem, não há esperança nem de receber jamais o menor alívio, nem de que jamais se acabem.

Que dor, que desespero, que raiva para uma alma condenada quando, naquele abismo da eternidade, depois de ter estado abrasando-se milhões de milhões de anos, volva os olhos a esta pequeníssima porção, a esta imperceptível parte de tempo que viveu e mal a divise ao cabo daquele prodigioso número de séculos, como terão passado depois de sua morte! Conhecerá vivamente que, por não ter querido fazer-se um pouco de violência durante um quase imperceptível espaço de tempo, arde, abrasa-se, sofre de uma vez todos os tormentos; e, depois de tantos milhões de séculos de os estar padecendo, nem por isso pode dizer que lhe resta um instante menos a padecer.

Arder no inferno tantos anos, tantos séculos quantos instantes se viveram é uma duração que causa espanto. Que será arder tantos milhões de séculos quantas gotas de água há nos rios e no mar! Pois um condenado terá padecido naquelas prisões de fogo toda esta incompreensível extensão de tempo; e não terá passado nem meio quarto de hora, nem um instante da eternidade. Os filhos de teus filhos estarão enterrados; o tempo terá arruinado as casas que edificaste; terá destruído a cidade em que nasceste; terá transtornado os Estados onde te criaste; o fim dos séculos terá sepultado em suas próprias cinzas todo o universo; ter-se-ão passado também, depois do fim do mundo, tantos milhões de séculos quantos momentos durou o próprio mundo; e nem um só instante terá passado daquela espantosa eternidade. Se te condenaste, resta-te tanto que sofrer como no primeiro momento em que caíste naquelas abrasadoras chamas.

Ó eternidade espantosa! Ó incompreensível eternidade! Quem pode crer em ti e viver em pecado nem um instante? Quem pode crer em ti e dilatar nem um momento sua conversão?

Suponhamos que um pecador estivesse condenado a arder no inferno até que uma formiga transportasse ao mar toda a terra que há na margem, vindo uma só vez de mil em mil anos e conduzindo cada vez um só grão. Santo Deus! Desde que Caim está no inferno, não teria levado

mais que seis ou sete grãos este animalzinho. E que seria se aquele infeliz houvesse de padecer até que esta formiga transportasse não só toda a areia do mar, mas toda a terra do mundo, até que tivesse desgastado todos os penhascos, todas as rochas, todas as montanhas da terra, passando por elas apenas uma vez a cada mil anos? O juízo se perde e a imaginação se confunde neste abismo de tempo. Pois, ao cabo, havia de chegar um tempo em que, se te tivesses condenado, poderias dizer com verdade: «Depois de minha morte, desde que estou rabiando neste fogo, aquela formiga já teria transportado toda a areia e toda a terra do universo; já teria desgastado todas as montanhas, todas as rochas; já teria cavado e penetrado até o centro do próprio mundo. Toda esta prodigiosa duração de tempo se passou nestes terríveis tormentos; e ainda me resta sofrer uma eternidade inteira.» Há inferno, há uma desditosa eternidade neste inferno; há cristãos que o creem; e há cristãos que pecam! Eis aqui uma coisa tão incompreensível como a própria eternidade.

E então, Senhor, não me destes tempo para pensar nas penas eternas do inferno, mas para aumentar, por pura malícia minha, a raivosa dor que terei de me haver condenado depois de ter pensado nestas penas eternas? Que furor! Que desespero será algum dia o meu, se, depois de ter feito esta meditação, não mudo de vida, se não me aplico a trabalhar, com o auxílio de vossa divina graça, no negócio de minha salvação! Dirigi, Pai Eterno, dirigi sobre este miserável pecador um raio piedoso de vossos divinos olhos; vede que ainda estou tinto com o sangue de meu Senhor Jesus Cristo, e em virtude deste sangue vos peço misericórdia, vos peço que me façais a graça de amar-vos por todo o tempo de minha vida e durante toda a eternidade.

Jaculatórias

> *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? Quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis?* Is 33.

Ah, Senhor! Quem poderá habitar em meio ao fogo devorador? Quem poderá viver entre as chamas eternas?

> *Hic ure, hic seca, hic non parcas, ut in æternum parcas.* Santo Agostinho.

Senhor, aqui abrasai, aqui cortai, aqui não me perdoeis, para que lá me perdoeis.

Propósitos

1. «Desce muitas vezes ao inferno com a consideração (diz São Bernardo) enquanto vives, se não queres descer a ele em corpo e alma depois de morto.» Quando se teme um grande mal, pensa-se nele frequentemente; e com este pensamento discorrem-se meios e tomam-se todas as medidas para evitá-lo. «Não percas de vista o inferno (diz o Sábio), se não queres tomar o caminho dele.» É de suma importância aproveitarmo-nos de todos os trabalhos desta vida, de tudo o que nela nos aflige, para trazer à memória as penas do inferno; e até se pode dizer que a memória destas penas alivia aqueles trabalhos. Padeces dores agudas e vivas? Lembra-te das que padecem os condenados no inferno. Habitamos em casas, vivemos em lugares, ocupamos cargos que ocuparam muitos dos que agora estão ardendo naquelas chamas. Nunca nos acharemos em reuniões, em banquetes, nem em diversões em que não se possa temer que alguns dos que se divertem conosco serão talvez condenados. Não há acidente enfadonho, nem tampouco gostoso, desta vida que não seja muito a propósito para recordar-nos os tormentos da outra; nem há remédio mais eficaz para temperar, e até para extinguir, a paixão de divertir-nos do que esta salutar memória. Desperta a concupiscência? Excitam-se os estímulos da carne? Amotinam-se as paixões? Pois imagina que ouves a voz daquele desditoso rico, que grita do mais profundo do abismo: *Crucior in hac flamma.* «Abraso-me cruelmente em meio a este fogo.» Leva em teu pensamento esta imagem, e em teus ouvidos esta triste voz, a todos os teus passatempos; e, com toda a certeza, bem depressa perderão todo o seu gosto e todo aquele falso picante que irrita a sede de teu apetite. Achando-se numa ocasião extraordinariamente tentado um santo solitário, ocorreu-lhe aplicar a ponta do dedo à chama de uma vela; e, obrigando-o a retirá-la logo a viva dor que sentiu, exclamou, voltando-se ao tentador: «Tu me solicitas e me estreitas para que me entregue a um deleite proibido, pelo qual mereço ser condenado às eternas chamas do inferno; mas como as sofrerei eu, que não posso tolerar nem por um breve instante na ponta de um dedo este fogo usual que nos alumia?» Seria muito desejável que muitos se servissem de semelhantes indústrias em muitas ocasiões; e na verdade não se renderiam tantas vezes à tentação.

2. Não há perda irreparável senão a perda da alma. Transtorno de negócios, reveses de fortuna, perda de pleitos, naufrágios, infortúnios e todas as que se chamam desgraças, por sensíveis que sejam, falando com propriedade, todas admitem remédio; mas, se uma vez me condeno, quem me consolará? Que alívio me resta? Que esperança? Tudo se perdeu para mim se perco a Deus. Fomente este pensamento tua devoção e, com ela, o horror que deves ter a todo pecado. Em tuas perdas, em tuas desgraças, nesses importunos sobressaltos e contratempos que são inseparáveis desta vida, dize a ti mesmo sem cessar: não há outro mal que o pecado; nada se deve temer senão perder a Deus. Os amigos, o tempo e a própria morte me podem consolar na perda dos bens, da saúde, dos cargos, de tudo. Mas perder a Deus, e perdê-lo para sempre, oh, que perda! Tanto nos gostos como nos desgostos da vida, torna familiares estas belas palavras: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* De que serve ao homem ser dono de todo o universo, ser o mais poderoso monarca da terra, se ao cabo se perde e se condena? De que serve agora àquele grande do mundo que se condenou, àquele desditoso rico, de que lhe serve a magnificência, a abundância, o esplendor em que viveram, nem todos os passatempos, gostos e deleites que gozaram? De que serve àquela mulher mundana que está ardendo no inferno o ter sobressaído, o ter brilhado tanto em todas as reuniões? De que servem os grandes nomes, os soberbos palácios, todo o aparato de modas, de galas e profanidade? De que serve tudo isto a quem se condenou? Consolará muito àquela infeliz mãe, àquele desditoso pai,

que se perderam, o terem deixado poderosos os seus filhos, enquanto eles estão ardendo por toda a eternidade naquele abismo de fogo? Familiariza-te com estas reflexões, pois há poucos exercícios de piedade mais salutares. Tem em teu gabinete, ou em teu quarto, alguma imagem ou objeto que continuamente te recorde a memória da morte e do inferno.

São Justo e São Pastor, Mártires

Entre os fatos que acreditam a grandeza da religião cristã e sua superioridade sobre as luzes da humana filosofia, com dificuldade se encontrará um mais notável e decisivo que o martírio dos santos meninos Justo e Pastor. Eles acreditaram, com uma intrepidez inteiramente sobrenatural, que a religião cristã, longe de criar ânimos covardes, eleva as forças naturais a um grau de heroísmo a que não é capaz de fazê-las subir nem a honra, nem a sabedoria, nem nenhum motivo criado. Pretendeu, pois, enganar o gênero humano o político Maquiavel e outros modernos muito semelhantes a ele na perversa doutrina, publicando que as máximas do Evangelho são contrárias à sublimidade de pensamentos e às obras heroicas. O presente martírio convence do contrário; mas é lástima que não tenham chegado até nós todas as circunstâncias, para aprender nelas os sublimes exemplos destes dois santos meninos e conhecer até onde se elevam as grandes operações da graça. Sua história, deduzida das atas que traz Surio e de Santo Isidoro, de Santo Ildefonso e de outros, é como segue.

Pelos anos do Senhor de 295 foi o ditoso nascimento de São Justo e São Pastor, com a diferença de dois anos que este último tinha mais que o primeiro. Sua pátria foi Compluto, hoje Alcalá de Henares, cidade que naquela primeira época do cristianismo era não menos ilustre pela grande abundância de professores que nela tinha o Evangelho do que pelo grande conceito que merecia aos romanos. Ignoram-se os nomes de seus pais; mas se sabe que eram cristãos e, pelos efeitos que em Justo e Pastor produziu sua educação, infere-se que não eram daqueles tíbios que se contentam com o nome, mas dos fervorosos que honram sua profissão com a piedade de suas obras. Criavam santamente seus filhos, infundindo em seu tenro coração as máximas do Evangelho. Por esse tempo se havia promulgado a terrível perseguição que Diocleciano e Maximiano levantaram contra a Igreja de Jesus Cristo; e, entre os cruéis ministros que por todo o mundo punham em execução os editos imperiais, distinguia-se na Espanha Daciano pelo sanguinário, pelo astuto e pelo diligente. Achava-se este presidente em Saragoça e, depois de a ter regado com o sangue de inumeráveis vítimas, determinou passar a Compluto com o intento de exterminar, se fosse possível, o nome do Crucificado. Mal chegou à cidade, com todo o aparato de litores e demais ministros, ressoou imediatamente nos corações dos cristãos o evidente perigo em que se achavam suas vidas. Divulgou-se por toda ela o fim de sua vinda, que não era outro senão fazer as mesmas atrocidades que praticara em Saragoça.

Estes rumores chegaram aos ouvidos de Justo e Pastor, meninos, o primeiro de sete anos e o segundo de nove, que iam à escola aprender as primeiras letras, e conceberam o mais alto desígnio que pode caber em peito humano. Trataram mutuamente da grandeza da religião, da impiedade de seus perseguidores e de quão conveniente seria aterrar sua soberba com um fato que a um mesmo tempo animasse os fiéis a dar a vida por Cristo e enchesse de vergonha a alma

do tirano. Determinaram apresentar-se a seu tribunal e desafiá-lo publicamente, confessando as eternas verdades e oferecendo suas vidas em sua defesa. Com este conselho, sem serem chamados, foram à casa de Daciano, em vez de ir à escola; e, encontrando-se com seus ministros, disseram-lhes livremente que, se procuravam cristãos a quem atormentar, ali estavam eles, que detestavam a vaidade de seus ídolos e criam em Jesus Cristo, verdadeiro Deus, por cuja fé dariam gostosamente suas vidas. Ficaram pasmados os ministros do pretor vendo em dois meninos tão tenros uma determinação tão valorosa. Deram conta dela a Daciano, o qual se comoveu todo; e, entre os efeitos que nele causaram a crueldade e a astúcia, deu o lugar principal aos desta última, precavendo com arte os danos que podiam resultar de um caso tão maravilhoso. Logo mandou prendê-los; mas não julgou conveniente ouvi-los em juízo, considerando que a confissão livre e generosa de dois meninos tão tenros poderia ser um exemplo poderoso para confirmar na fé os mais provectos, e temendo que, se não chegasse a fazê-los mudar de intento, ficaria sua maldade vergonhosamente prostrada e sua autoridade coberta de ignomínia. Contemplou que, como meninos, poderiam amedrontar-se com um castigo próprio de sua idade; e assim mandou açoitá-los, com a esperança de que este tormento bastaria para fazê-los mudar de opinião. Pôs-se em execução a iníqua sentença; mas, no tempo em que a dor havia de causar algum contraste nas tenras almas daquelas inocentes vítimas, foi tão ao contrário que aquele Deus que faz sábias as línguas dos meninos moveu as suas para que se confortassem mutuamente com colóquios cheios de virtude celestial e de ciência divina.

«Não temas (dizia Justo a seu irmão Pastor), não temas este tormento transitório: não te acovardem as chagas que causam em teu tenro corpo estes cruéis açoites, nem te infunda terror a faca que nos ameaça; porque, se formos tão ditosos que nosso Senhor Jesus Cristo queira dar-nos a palma do martírio, receberemos na outra vida a sublime glória de que gozam os mártires e viveremos eternamente entre os coros dos anjos, adornados com imarcescíveis coroas. Nossa vida neste mundo havia de ser breve e perecedoura; mas no outro gozaremos de uma vida eterna, e esta cumulada de intermináveis delícias.» A estas santas palavras de Justo respondeu seu irmão Pastor desta maneira: «Falas dignamente, ó irmão Justo, e teus discursos me persuadem a justiça, de modo que tuas palavras te tornam digno do nome que recebeste no batismo. Concordo com o que dizes e estimo em nada o derramar o sangue e o serem nossos corpos despedaçados pela confissão de nosso Senhor Jesus Cristo, em comparação da dita que teremos de adorar seu divino corpo e preciosíssimo sangue na pátria celestial. Fechemos os ouvidos às piedosas persuasões de nossos pais e parentes, caso tentem apartar-nos de nosso propósito; nem tenhamos lástima de nossa tenra idade, nem de nossa vida, que há de ter muito em breve um fim; antes, apressemo-nos a chegar às celestiais moradas, onde pediremos a Deus perdão dos pecados de nossa infância e, ao mesmo tempo, dos que hajam cometido nossos pais.» Estes discursos deixaram atônitos os algozes e contiveram o ímpeto com que descarregavam açoites seus robustos braços. Deram parte a Daciano de como os santos meninos, longe de se intimidarem com a violência do tormento, sofriam as dores com um semblante risonho e se animavam à constância com mútuas exortações, em que faziam desprezo da própria morte.

Estremeceu Daciano ao ouvir um sucesso tão inusitado e portentoso e, em meio à sua admiração, prorrompeu nestas palavras: «Não são dignos estes de pôr-se em minha presença; porque, se chegarem a vencer meus afagos e ameaças uns meninos que desprezam igualmente os tormentos e a vida e o dar culto aos deuses imortais, que sucederá depois?» Esta reflexão encheu sua alma

de rancor e, para precaver os danos que se temiam de tão sublime exemplo, mandou que os tirassem secretamente da cidade e os degolassem no campo. Estava então Alcalá situada no lugar que hoje chamam a Huerta de las Fuentes; e, tendo os algozes tomado os dois santos meninos, levaram-nos ao campo Laudável, que é o sítio que hoje ocupa a cidade. Ali, postas as duas tenras e inocentes vítimas sobre uma pedra, entregaram seus pescoços à sanguinária faca, que não tiveram horror de tingir mais em leite que em sangue os ministros da perfídia gentílica, como reflete o autor das atas de Santa Leocádia. Sucedeu este martírio no mesmo lugar que hoje ocupa a Magistral, onde se conserva a pedra sobre a qual foram sacrificados os santos, com alguns vestígios de seu preciosíssimo sangue. Envergonhado o pretor de ter ensanguentado suas mãos em dois meninos inocentes, e conhecendo que naquela cidade não poderia conseguir vantagem alguma a favor do paganismo, retirou-se imediatamente. Com sua ausência tiveram os cristãos comodidade para recolher os corpos destes santos mártires e tributar-lhes toda a honra que merecia um triunfo tão heroico. Sepultaram-nos no mesmo lugar em que haviam padecido o martírio, onde edificaram em sua honra uma igreja com dois altares, um sobre o corpo de Justo e outro sobre o de seu santo irmão. Sucedeu este glorioso triunfo no ano segundo da era dos mártires, que foi o de 304, no dia 6 de agosto, segundo consta do códice Veronense, do ofício moçárabe e de muitos martirológios.

A igreja e os altares edificados deveram ser de tão débil matéria que, no espaço de um século, não somente se verificou sua destruição, mas chegou a apagar-se da memória dos cidadãos o ditoso sítio que conservava um tesouro tão apreciável. Quis Deus manifestá-lo para que não carecessem os fiéis da consolação de poder venerar as relíquias de dois mártires que tanta honra haviam dado à religião de Jesus Cristo. No princípio do século V elegeu a divina misericórdia o metropolita de Toledo, chamado Asturio, por glorioso instrumento da invenção dos santos mártires. Num sonho misterioso, não somente lhe revelou o lugar determinado que escondia o precioso tesouro, mas além disso inflamou seu espírito de uns ardentes desejos de encontrá-lo. Foi a Alcalá e, tendo feito desmontar as ruínas e escombros que cobriam os dois santos sepulcros, encontrou o que sua piedade desejava. Reedificou de novo a igreja, erigindo-a em sé episcopal, e permaneceu toda a sua vida em Alcalá, para não se apartar de onde tinha o ímã de seu coração. Na devastação dos sarracenos padeceram os santos corpos várias trasladações, até que por fim vieram a parar em Huesca. No ano de 1567 o piedoso rei Filipe II obteve do santo padre Pio V um rigoroso decreto, em forma de breve apostólico, em que mandava ao bispo de Huesca que enviasse a Alcalá a metade dos sagrados corpos dos santos mártires. Obedeceu o bispo; e, tendo posto numa preciosa urna as relíquias insignes dos santos meninos, foram levadas, com a pompa e magnificência devidas, ao lugar de seu martírio. Recebeu Alcalá este precioso tesouro no dia 7 de março do ano de 1568, com excessivas mostras de devoção e alegria; e, tendo-as colocado num lugar não menos decente que majestoso, recebe continuamente as misericórdias do Senhor por intercessão destes santos meninos, que são ao mesmo tempo seus cidadãos e seus patronos.

Martirológio Romano

A vigília de São Lourenço, mártir.

Em Roma, São Romano, soldado, que, movido pela confissão que São Lourenço fizera da fé, lhe pediu que o batizasse; e, tendo sido levado logo diante do juiz, foi espancado e por fim decapitado.

Na Toscana, a festa dos santos mártires Secundiano, Marceliano e Veriano, que, no tempo de Décio, foram primeiro maltratados por ordem do consular Promoto, depois postos no potro, dilacerados com unhas de ferro, tostados com o fogo aceso a seus lados; e, tendo sido decapitados, conseguiram a gloriosa palma do martírio.

Em Verona, São Firmo e São Rústico, mártires no tempo do imperador Maximiano.

Na África, a comemoração de muitos santos mártires que, por exortarem a São Numídico na perseguição de Valeriano, foram lançados ao fogo e alcançaram a palma do martírio. Quanto a São Numídico, apesar de ter sido lançado ao fogo com os outros e apedrejado, sua filha retirou o corpo, que ainda alentava, e o curou. Depois, sua virtude chamou a atenção de São Cipriano, que o elevou à dignidade de presbítero da Igreja de Cartago.

Em Constantinopla, São Juliano, São Marciano com outros oito mártires, a quem o ímpio imperador Leão atormentou de mil maneiras, mandando-os por fim decapitar, porque haviam posto uma imagem do Salvador na porta de bronze.

Em Châlons, São Domiciano, bispo e confessor.

Em Brive-la-Gaillarde, no Limousin, São Martinho de Brive.

Em Ceaucé, no Maine, no arcediagado de Passais, São Ernier, confessor.

No Franco-Condado, São Amor e São Viastro, a quem tiraram a vida com crueldade.

Em Ruão, o venerável Maurílio, bispo, a quem João de Avranches dedicou seu livro dos Ofícios eclesiásticos.

No Egito, Santo Antônio de Alexandria, morto mártir numa fornalha.

Nos Abruzos, São Fáuques, solitário.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos irmãos, e própria para manifestar a grandeza de seu triunfo em tão tenra idade, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, lactentium fides, spes infantium, charitas puerorum; qui per innocentium tuorum Justi et Pastoris laudem cunctos provocas ad salutem:*

> *infunde in nobis, quæsumus, puritatem lactentis infantiæ; ut, dum sensu justitiæ parvulis adæquamur, in illa remuneratione fidelium cum sanctis pariter gloriemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que sois a fé dos que ainda mamam, a esperança dos infantes e a caridade dos meninos, e que pelo louvor de vossos inocentes Justo e Pastor estimulais a todos a conseguir a salvação eterna: suplicamo-vos que infundais em nós a pureza da infância, para que, igualando-nos aos meninos nos sentimentos de justiça, nos gloriemos com os santos na remuneração que destinais aos que vos são fiéis. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 7 do Apocalipse de São João.

Apocalipse 7,13-17

> **Latim:** 13 Et respondit unus de senioribus et dixit mihi : Hi, qui amicti sunt stolis albis, qui sunt ? et unde venerunt ? 14 Et dixi illi : Domine mi, tu scis. Et dixit mihi : Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna, et laverunt stolas suas, et dealbaverunt eas in sanguine Agni. 15 Ideo sunt ante thronum Dei, et serviunt ei die ac nocte in templo ejus : et qui sedet in throno, habitabit super illos : 16 non esurient, neque sitient amplius, nec cadet super illos sol, neque ullus æstus : 17 quoniam Agnus, qui in medio throni est, reget illos et deducet eos ad vitæ fontes aquarum, et absterget Deus omnem lacrimam ab oculis eorum.

Português: 13 E respondeo hum dos anciãos, e me disse: Estes, que estão cobertos de vestiduras brancas, quem são? e donde vierão? 14 E eu lhe respondi: Meu Senhor, tu o sabes. E elle me disse: Estes são os que vierão de huma grande tribulação, e lavarárão as suas roupas, e as embranquecerão no sangue do Cordeiro: 15 por isso estão ante o throno de Deos, e o servem de dia e de noite no seu templo: e o que está assentado no throno, habitará sobr'elles: 16 não terão fome, nem sede nunca jámais, nem cahirá sobr'elles o sol, nem ardor algum: 17 porque o Cordeiro, que está no meio do throno, os guardará, e os levará ás fontes das aguas da vida, e enxugará Deos toda a lagrima dos olhos d'elles.

Reflexões

O não considerarem os homens a grandeza e a certeza das divinas promessas faz que desconfiem de si mesmos e aumentem a debilidade de suas próprias forças, com covardia e pusilanimidade, efeito de sua desídia. Quando se fixam os olhos nos grandes feitos que oferece a história dos primeiros séculos da Igreja, não pode o cristão deixar de comprazer-se ao ver que, embora pelo pecado do primeiro homem a sua natureza perdesse todas as forças para as obras sobrenaturais, Jesus Cristo, por meio de sua poderosa graça, a elevou a um grau de poder capaz de desafiar não somente os tiranos, mas toda a fúria do abismo. Causam admiração tantos esforçados mártires que renunciaram gostosos às delícias da vida e às opulências da fortuna. Os próprios algozes estremeciam vendo a constância de um Lourenço nas grelhas e de um Inácio entre os leões. Até o sexo frágil, incapaz, no humano, de dar ouvidos a outras sugestões que as do medo e do terror, viu-se pendente no ecúleo e na cruz olhar suas chagas com semblante risonho e reputar-se mais venturoso quando perdia a vida entre indizíveis tormentos do que o seria no leito nupcial entre os bens e delícias do mundo. Mas o espetáculo que nos oferecem hoje São Justo e São Pastor é um exemplar que excede a todos os ditos e certifica o cristão do muito que pode, não com suas próprias forças, mas com a graça de Jesus Cristo. Na verdade, surpreende ver uns meninos, em cujos corações mal podiam caber outras ideias que as da diversão e da bagatela, conceber o grande projeto de sacrificar suas vidas em testemunho da fé e com o piedoso desígnio de que seu triunfo animasse os demais fiéis e surpreendesse o tirano. Tão sublimes ideias jamais as produziu o decantado entusiasmo da honra, e muito menos a severidade da filosofia. Somente a graça de Deus, que dá ao homem umas forças correspondentes à onipotência de seu autor e uns pensamentos dignos da sabedoria infinita, é capaz de fazer semelhantes milagres, transformando uma natureza frágil e miserável num ser grande, magnífico e aparentemente onipotente; de maneira que só por este respeito poderia verificar-se o que diz o Profeta: «Vós sois deuses, e filhos todos do Excelso.»

Mas os homens, bem achados com sua miséria e sem o ânimo necessário para afugentar a fraqueza de seu coração, cegam-se voluntariamente para não perceber as obras maravilhosas da graça. Pelo contrário, quando fixam a vista nos heroicos exemplos que nos deixaram os santos, chegam a intimidar-se de maneira que fazem de si um retrato parecido ao dos exploradores da terra de promissão. Tudo olham com o microscópio da covardia, que lhes avulta portentosamente os objetos. Veem monstros, fantasmas e espectros onde realmente não há mais que flores e delícias, quando se olha com uma vista que não está doente. Desengana-te, ó cristão: a virtude não é outra coisa que o próprio Deus; sua lei santa é indistinta de sua mesma essência. Por conseguinte, a virtude, o bem e as regras do bem obrar são as mesmas e imutáveis para todos, porque Deus tem essencialmente este caráter para com todos os homens. Fazes gravíssima injúria à sua justiça, à sua bondade e à sua onipotência, se pensas que ele foi distinto com os mártires, franqueando-lhes suas graças e suas promessas, e negando-as a ti. O mesmo Deus que deu fortaleza aos meninos para desafiar e vencer os tiranos, esse mesmo Deus está sempre a teu lado, protegendo-te com sua sombra e estendendo seu forte braço para que não prevaleçam contra ti teus inimigos, que o são também seus. Só se necessita que não ponhas óbice de tua parte a suas misericórdias; e, em tal caso, nem podes duvidar de que te franqueará a abundância de suas graças, nem de que com elas chegarás a repelir a covardia e empreender ações gloriosas.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,25-30

> **Latim:** 25 In illo tempore respondens Jesus dixit : Confiteor tibi, Pater, Domine cæli et terræ, quia abscondisti hæc a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis. 26 Ita Pater : quoniam sic fuit placitum ante te. 27 Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Et nemo novit Filium, nisi Pater : neque Patrem quis novit, nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare. 28 Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. 29 Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. 30 Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

Português: 25 Naquelle tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do ceo e da terra, porque escondeste estas cousas aos sabios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. 26 Assim he, Pai: porque assim foi do teu agrado. 27 Todas as cousas me forão entregues por meu Pai. E ninguem conhece o Filho senão o Pai: nem alguem conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho o quizer revelar. 28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. 30 Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

Meditação

Sobre a grandeza da religião cristã

Primeiro ponto

Considera que a divina religião que instituiu Jesus Cristo é tão nobre em suas máximas, tão sublime em seus preceitos, tão verdadeira em suas promessas e, em seus efeitos, tão admirável que isto mesmo acredita sua grandeza e, até aos olhos mais ofuscados, se apresenta como superior a quantas religiões ou seitas abraçam os homens por tenacidade, por malícia ou por capricho.

Não se pode duvidar de que as máximas e leis desta religião sacrossanta são as mais conformes à razão natural, quando esta não se deixou corromper pelos vícios. A razão natural dita que o mundo

não se pôde fazer a si mesmo, que deve ter um princípio sem princípio, uma causa eterna e onipotente que o produziu do nada; numa palavra, que há um Deus criador. A mesma luz natural dita que a este Deus criador se deve adorar e servir, que se devem obedecer suas leis, impetrar suas graças e que nossos corações se devem desfazer em ações de graças, porque nos deu o ser que temos como onipotente e no-lo conserva como bom e misericordioso. A mesma razão natural nos ensina que uma alma livre, espiritual e imortal, capaz de receber eternos galardões ou eternos castigos, não pode provir senão de um ser infinitamente bom e justo, que quis gratuitamente distinguir o homem desta maneira em relação às demais criaturas, fazendo-o semelhante aos próprios anjos. A razão natural dita que um Deus infinitamente bom deve ser amado sobre todas as coisas, sem permitir que se transgridam aquelas leis que prescrevem sua honra e seu respeito. Por fim, dita a razão natural que o homem deve amar seus semelhantes, procurando-lhes todos os bens e evitando-lhes todos os males, tendo por regra fixa: «não faças a outro o que não quererias que se fizesse contra ti». Todas estas verdades primeiras, que são o alicerce em que se apoia a religião cristã, foram conhecidas dos filósofos gentios; de maneira que nelas estabeleceram quanto se encontra em seus livros de sólido e verdadeiro. Mas a religião cristã exaltou estas mesmas verdades e, tirando-as de sua esfera, deu-lhes o caráter de sobrenaturais, ensinando ao cristão que pode crê-las por motivos superiores a toda a natureza, quais são a suma veracidade de Deus e a infalibilidade de sua Igreja, que são os pontos cardeais da firmeza e segurança de nossa fé.

Se se compara a excelência deste modo de pensar com os desacertos que adotou o entendimento humano, é preciso confessar que a excelência de nossa religião se avantaja tanto sobre as outras quanto dista a luz das trevas, o bem do mal e uma criatura infeliz de um Criador eterno e infinito. Que monstruosidades não adotaram os gentios como pontos de religião? Que criatura, por ínfima e desprezível que fosse, não lhes mereceu o caráter da divindade, tributando adorações e sacrifícios aos insetos mais imundos e aos entes mais insensíveis? Horroriza-se a imaginação quando se lhe apresentam os monstros que adoraram os egípcios, os homens e mulheres viciosos que tiveram os gregos por divindades e a confusa indiscrição com que os romanos abraçaram os erros de todo o mundo. Ainda mais se horroriza ao ver a baixeza e insulsez de seus sacrifícios e a crueldade com que faziam vítimas os homens, de umas divindades que eram muito inferiores a eles. Se se junta a estas considerações a reflexão da suma cegueira que devem ter tido os homens para chegar a negar um Ser supremo e fazer-se ateus, vê-se mais claramente que a religião cristã, sobre todas as suas preeminências, tem o singular privilégio de ilustrar o entendimento para que não adote os erros, mas antes conheça e abrace as verdades. Assim se verifica aquela magnífica promessa que fez Deus a seu povo pelo profeta Isaías, dizendo (cap. 42): «Guiarei os que estão cegos por um caminho que ignoram e farei que dirijam seus passos por umas veredas que jamais conheceram: farei que as trevas se convertam diante deles em luz e os caminhos tortos em sendas direitas e seguras.» Desta felicidade gozam os que professam a religião cristã, e esta mesma felicidade é a que acredita sua grandeza.

Segundo ponto

Considera que a religião cristã não somente ilustra o entendimento para conhecer as primeiras verdades, mas além disso dirige a vontade, prescrevendo-lhe regras e leis santíssimas com que conformar suas operações, e a inflama para que deteste o vício e abrace a virtude.

Todos os preceitos das demais religiões são preceitos de carne e sangue; leis terrenas, que não têm outro objeto que a aquisição de bens temporais e, por legítima consequência, a depravação dos costumes. Assim se vê que todos os seus heróis são os heróis do vício e, se porventura acertaram com alguma virtude moral, como lhes faltava a luz verdadeira, ou a dirigiram a fins pecaminosos, ou a mancharam com a vaidade e com o amor de si mesmos. Umas vezes vêem-se roubando os Estados; outras, tiranizando seus próximos; outras, convertendo em dano de seus semelhantes os dons da natureza; e outras, enfim, sacrificando à vaidade de parecer sábios, políticos e eloquentes a felicidade de reinos inteiros. Com máximas tão depravadas nenhum outro efeito se podia produzir que a subversão dos Estados, a infelicidade dos povos e uma comum desventura, até naqueles mesmos que procuravam sua dita à custa do dano alheio. Mas que felicidade não teria o mundo se todos observassem exatamente os preceitos do Evangelho? Olhem-se atentamente todas as suas máximas, e achar-se-á que todas conspiram para a felicidade dos homens. Os soberanos são ensinados a olhar seus súditos como outros tantos filhos, a procurar-lhes todos os bens e a conhecer que todo o esplendor e glória deste mundo passa como uma sombra, e que, assim como no nascimento são iguais os monarcas ao homem mais ínfimo da plebe, da mesma maneira virá um dia em que a morte torne a renovar esta igualdade, mas com terríveis consequências. Os vassalos aprendem no Evangelho que devem amar, respeitar e obedecer a seus reis e superiores, conhecendo que seu poder é de Deus e que não devem escassear a obediência nem o tributo àqueles a quem, com a maior submissão e obediência, ofereceu um e outro o Filho de Deus feito homem. Além disso, que fidelidade, que paz e mútua correspondência não se encontraria nos matrimônios! Que honestidade, amor e simplicidade não se veria nas mulheres! Que juízo, probidade e retidão não se notaria nos homens! Que humildade, docilidade e submissão nos filhos de família! Que fidelidade, solicitude e esmero nos criados! E, numa palavra, que união, que harmonia, que caridade em todos os indivíduos do povo cristão! Longe de parecer o mundo um confuso caos, animado pela desordem, seria uma mansão de felicidade, onde todos os homens viveriam contentes com sua sorte e não menos gozosos da de seus irmãos. Suas virtudes se contariam por suas ações, e o nome de vício seria uma voz desconhecida em suas causas e seus efeitos.

Esta pintura, que parece algo lisonjeira, é um retrato verdadeiro dos influxos das máximas cristãs sobre as ações dos homens: é consequência necessária das regras divinas que estabeleceu Jesus Cristo e é prova convincente da sublimidade e grandeza de uma religião que modera as paixões humanas, torna amável a virtude e enche a vontade de um fogo ativo para praticá-la. Se a isto se junta aquela força sobrenatural que dá a graça para acometer empresas maravilhosas, quais foram as de todos os mártires, e singularmente, entre todas, a de São Justo e São Pastor, resulta que a religião cristã é não somente grande em seus preceitos, sublime em suas verdades e magnífica em suas promessas, mas sobrenatural e divina em suas obras.

Jaculatórias

> *Quam magnificata sunt opera tua, Domine! Nimis profundæ factæ sunt cogitationes tuæ!* Sl 91.

Que grandes são, meu Deus, todas as vossas obras! Que profundos todos os vossos pensamentos!

> *A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris.* Sl 117.

É preciso confessar que toda a nossa religião é obra de nosso Deus e que, por qualquer aspecto que se a olhe, é maravilhosa a nossos olhos.

Propósitos

Todas as criaturas de que consta este mundo visível estão-nos provocando a reconhecer a grandeza e a onipotência de nosso Deus. Todas elas parecem outras tantas línguas que nos falam de sua bondade, de sua misericórdia, de sua beneficência e de todos os seus atributos. «Os céus (dizia o real Profeta) pregam a glória de Deus, e o firmamento nos está anunciando as obras de suas mãos.» Todo este conjunto de obras maravilhosas está excitando o homem a que tribute a seu Criador louvores contínuos. Mas, sendo a religião obra muito mais maravilhosa que a criação do mundo e mais proveitosa para nós que todas as produções da natureza, faz-se preciso concluir que por este inestimável benefício devemos empregar-nos em contínuas ações de graças a nosso Deus. Devemos dar-lhe graças por nos ter manifestado tão claramente as verdades nas sagradas Escrituras; por ter enviado seu Filho unigênito a romper a cadeia de nossa antiga servidão; por ter instituído uma religião santa, pura, imaculada e sublime; por tê-la confirmado com tantos milagres de sua onipotência; e, finalmente, por nos ter dado tantas testemunhas de sua verdade quantos são os mártires que derramaram generosamente o sangue em sua defesa.

Estas deveriam ser as principais ocupações de um cristão, e estes os grandes motivos por que manifestasse a Deus sua gratidão. Mas são estas as ações em que ocupas tua vida? Veio-te frequentemente ao pensamento dar graças a teu Deus pelo incomparável benefício de te haver feito cristão? Teus gozos, tuas complacências manifestaram-se alguma vez pela consideração de ver que professas uma religião tão grande e tão segura como é a religião cristã? Regularmente este pensamento está muito longe dos homens. Dão graças a Deus porque livrou da enfermidade um filho protervo, que será um manancial de penas para seus pais e uma afronta para o cristianismo. Dão-se-lhe graças pela conservação da vida, pela restauração da fazenda, pela obtenção de cargos e dignidades em que periga a salvação da alma. Nossos olhos terrenos mal sabem levantar-se do lodo e da imundície que os rodeia. Costumamos estimar por verdadeiros bens o que, atendida a corrupção de nossas paixões, é ocasião de nossa desventura. Levanta, pois, ó cristão, as atenções de tua alma e fixa-as em teu Deus. Adora com submissão suas obras maravilhosas, principalmente aquelas que estão ordenadas à santificação de teu espírito; e, entre as ocupações de tua vida, seja desde hoje uma das principais o ser agradecido a Deus por te haver

feito professar a religião cristã.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:15 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:15 by Admin